

## Experimentum crucis: EQMs em pessoas cegas



Por **Ademir Xavier**

*"No Espírito, a faculdade de ver é uma propriedade inerente à sua natureza e que reside em todo o seu ser, como a luz reside em todas as partes de um corpo luminoso. É uma espécie de lucidez universal que se estende a tudo, que abrange simultaneamente o espaço, os tempos e as coisas, lucidez para a qual não há trevas, nem obstáculos materiais. Compreende-se que deva ser assim. No homem, a visão se dá pelo funcionamento de um órgão que a luz impressiona."*(A. Kardec, comentário à questão #247 de "O Livro dos Espíritos". Foto: nossa homenagem a Dorina Nowill, 1919-2010)

É uma consequência natural da tese da sobrevivência que o ser humano deve possuir um *outro corpo*, de natureza diferente daquele conhecido. Nesse corpo residem verdadeiramente os sentidos, embora, na condição de "encarnado", os estímulos externos cheguem a ele por meio dos sensores de seu corpo material. Na ocorrência da morte, readquire o segundo corpo sua independência, ressurgem o Espírito na posse de todos os seus sentidos originais.

Portanto, espera-se que, se determinadas condições especiais acontecerem, o Espírito encarnado, cujo sentido físico seja inexistente ou tenha sido severamente limitado durante sua vida normal, possa readquiri-lo em sua forma espiritual. Essa é uma *previsão natural* da tese da sobrevivência, uma previsão do paradigma espírita.

Por outro lado, para o reducionismo fisicalista ou materialismo, as experiências cognitivas estão totalmente atreladas aos estímulos externos recebidos. Portanto, não se espera que ocorram experiências cognitivas correspondentes àquelas ligadas à objetos inspecionados através de sentidos inexistentes (se eu, por exemplo, nunca vi um coelho, como posso sonhar ou imaginar ter visto um?). Surge aqui uma oportunidade para um "*experimentum crucis*" (1) porque, por lógica, cegos de nascença jamais poderiam descrever visões ou surdos de nascença jamais poderiam ouvir vozes. Mas, isso é justamente o que ocorre durante as chamadas EQMs (experiências de quase morte, 2). Nesses casos, torna-se um verdadeiro absurdo acreditar na tese da alucinação: como poderia alguém que nunca experimentou a visão, relatar experiências complexas relacionadas a ele? O absurdo é ainda maior ao

se considerar que tais relatos ocorrem durante curtos períodos de tempo em que os pacientes são considerados "cl clinicamente mortos".

[https://www.youtube.com/watch?feature=player\\_embedded&v=YjymdATERXY](https://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=YjymdATERXY)

Vídeo com o caso de Vicky, cega de nascença, que relatou visões de um tipo diferente a partir de uma experiência de quase morte.

## Alguns casos

Um trabalho de grande importância foi publicado em 1997 de autoria de **Kenneth Ring e Sharon Cooper** (3) relatando, pela primeira vez de forma sistemática, diversos casos de experiências de quase-morte em cegos de nascença. A conclusão dos autores é que não existem diferenças de descrição na percepção com indivíduos, sejam eles cegos ou não, quanto ao conteúdo da experiência. No caso de cegos de nascença, há um momento na experiência em que eles começam a enxergar e tem visões complexas que se assemelham à das pessoas não cegas. O artigo de Ring e Cooper traz em detalhes dois casos, o de Vicki Umipeg e Brad Barrows. O caso de Vicki, cega de nascença vitimada por nascimento prematuro e excesso de oxigênio na incubadora na década de 1950, é interessante, por ter ela passado por duas EQM. Na última em particular após uma acidente de carro em 1973, ela descreve um ambiente rodeado por árvores e flores e cheio de gente, depois de ter-se reconhecido a si mesma deitada na mesa do hospital.

Outro é o caso de Brad Barrows, cego de nascença, que teve uma EQM em 1968 após uma parada cardíaca motivada por uma pneumonia séria. Ele tinha então oito anos de idade, mas, durante a EQM ao ascender pelo teto do hospital, ele pode divisar o estado do clima, que o céu nas vizinhanças estava cinza e que a neve cobria os telhados das casas, menos as ruas. Os eventos descritos também incluem a audição de músicas de caráter 'celestial' e a lembrança de ter estado em um ambiente totalmente diferente do hospital, como um campo imenso, iluminado por luzes feéricas. O artigo de Ring e Cooper fornecem ainda outros casos (como o de Frank e Nancy nas páginas 120 e 122, respectivamente) que demonstram a corroboração das experiências visualizadas pelos cegos por meio de evidências externas - os tipos de evidência que são costumeiramente desprezadas pelas "teorias da alucinação", mas que estão igualmente presentes nos EQM dos cegos.

Segundo os testemunhos dessas pessoas cegas, a sensação de visão chega a ser assustadora inicialmente, por falta de referência de aprendizado de sua vida presente. A conclusão dos autores do estudo é muito bem sintetizada no último parágrafo da ref. 3:

As experiências de visão dos cegos são mais surpreendente do que eles próprios descrevem. Na verdade, eles, assim como as pessoas normais, têm experimentado episódios semelhantes quando transcendem totalmente a consciência baseada no cérebro e, por causa disso, tais experiências desafiam qualquer tipo de nomenclatura convencional. Será necessário uma nova linguagem, tanto quanto novas teorias de um novo tipo de ciência, para se começar a compreendê-las. Com esse objetivo, o estudo de experiências paradoxais e totalmente anômalas é de papel fundamental para fornecer aos teóricos de hoje os dados necessários para se moldar a ciência do século 21. E essa ciência da consciência, assim como o próprio milênio, já despontam no horizonte.

Interessantemente, os relatos de NDE de cegos são completos o suficiente para que possamos fazer uma ideia do *verdadeiro tipo de sentido* envolvido na experiência. Não se trata de uma experiência visual comum. Como os autores descrevem (5): A estória de Sarah implica que ela era realmente capaz de ver durante uma EQM da mesma maneira que uma pessoa normal poderia ver. Mostramos isso como uma inferência sem garantias. O que se parece análogo a uma visão física, deixa de ser quando examinado com mais detalhes. É um tipo totalmente diferente de consciência esse (*awareness*), algo que chamamos de consciência transcendental, que funciona independentemente do cérebro, mas que necessariamente é filtrado por ele e por meio da própria linguagem. Assim, na época em que esses episódios apareceram, eles são descritos em termos da linguagem da visão, mas as experiências de verdade parecem ser totalmente diferentes do que se conhece e não são facilmente descritas em termos da linguagem do discurso ordinário. Na verdade, nosso trabalho mostrou a necessidade de se exercer discernimento crítico antes de tomar tais descrições como elas se apresentam. Com certeza, elas compõem boas histórias para livros e títulos de tabloides, mas nem sempre são o que parecem. Elas, na verdade, são ainda mais extraordinárias do que isso. (ref. 3, 20, parágrafo)

Em outras palavras, a descrição de EQMs de cegos de nascença traz elementos para compreendermos o sentido real de visão do Espírito, como descrito e anunciado em "O Livro dos Espíritos" por A. Kardec (ver questão #247 citada acima).

## Conclusões



Como temos estudado em vários posts aqui (6), o reducionismo fisicalista prevê que todas as funções cognitivas são funções da atividade cerebral. Esse paradigma tem relativo sucesso em muitas explicações de fenômenos de percepção comuns e é a base de todas as ciências clínicas. Fenômenos como atuação de drogas ou lesões sérias no cortex ou partes do cérebro parecem validá-lo. Não desconhecemos esse sucesso, embora inexista nenhuma prova de que sua validade seja incontestável.

Como vimos, o sucesso aparente dessa tese (7) só vai até um determinado horizonte, além do qual reina o desconhecido que é 'varrido para baixo do tapete'. Portanto, o materialismo é uma visão aproximada da realidade, que deve ser complementada pela visão espiritualista.

As descrições de experiências visuais durante ocorrências de NDE ou OBE em cegos de nascença não tem diferença em relação à de pessoas normais. Tal constatação permanece como uma das evidências mais fortes sobre a independência da percepção

visual integral no ser humano que ocorre durante tais essas anômalas e colocam um problema sério para as teorias que explicam a cognição a partir de experiência aprendida, num modelo funcional da mente.

A experiências de quase morte em cegos de nascença permanecem como "observações cruciais" que desafiam o paradigma existente e requerem estudos aprofundados, na verificação de ocorrências semelhantes com outras pessoas que tenham problemas severos de limitação dos sentidos (tais como a constatação de experiência auditiva em surdos de nascença durante essas experiências). A expansão de sentido ou recuperação de capacidades mentais tem sido relatada em pacientes com severas limitações mentais e que, de um instante a outro, se tornam lúcidos. Essa é a chamada 'lucidez terminal' e, as ocorrências com os cegos caem dentro dessa categoria.

### Notas e referências

(1) Ou, "experimento crucial". Um "*experimentum crucis*" - ou experimento crucial - é um situação ou teste experimental capaz de decidir sobre a superioridade de uma teoria (ou hipótese) frente a outra ou conjunto de outras teorias. Ele reúne em si as qualidades empíricas capazes de afastar definitivamente condições ou aspectos que seriam cruciais para evitar a rejeição de teorias concorrentes e decidir definitivamente pela teoria vencedora. Francis Bacon também chamava essas oportunidades de '*Instantia crucis*' (instâncias cruciais). Não é fácil projetar ou conceber experimentos cruciais, pois isso exige conhecimento aprofundado das peculiaridades de todas as teorias envolvidas, além de uma possibilidade experimental ou de observação. Não existiria, assim, um 'experimento crucial' capaz de definitivamente demonstrar uma deficiência séria no reducionismo e abrir as portas para outras noções não materialistas da mente? Um experimento desse tipo deveria ser capaz de mostrar que respostas cognitivas poderiam ser produzidas na ausência de funções cerebrais extensivas.

(2) Já vimos (Ver post '[O que acontece quando morremos](#)' do Dr. Sam Parnia) que as chamadas 'Experiências de quase morte' são instâncias de lembranças por parte de pessoas que sofreram paralisia severa das atividades cerebrais. Durante essas ocorrências, são comuns a visão de luzes, seres "e outras dimensões" e, na sua imensa maioria, parentes e amigos falecidos. Essas ocorrências anômalas são explicadas de forma precária por diversos tipos de teorias que envolvem mais ou menos a assunção de que alguma função cerebral remanescente atua durante esses instantes, provocando a experiência que seria totalmente ilusória. Já vimos a fragilidade dessas explicações e outras anomalias que acontecem no contexto das experiências de quase morte (Ver post "[Reflexões sobre o contexto de experiências de quase-morte: artigo de Michael Nahm \(2011\)](#)"). Vimos também que a validação das experiências de forma independente (quando o que o sujeito viu é comprovado como realmente tendo ocorrido nos instantes da paralisia cerebral) também não é levada em consideração pela maioria dos especialistas quando confrontados com o problema.

(3) Ring K., Cooper S. (1997), *Near Death and Out-of-Body Experience in the Blind: a Study of Apparent Vision*, *Journal of Near-Death Studies*, **16**(2), p. 101-147. Ver também:

- Wells P. (2011). "New Evidence Suggests that the Near-Death-Experience is the Spirit Leaving the Body and Not Just a Dying Brain". Reader Support News.

(4) Original em inglês:

What the blind experience is more astonishing than the claim that they have seen. Instead, they, like sighted persons who have had similar episodes, have transcended brain-based consciousness altogether and, because of that, their experiences beggar all description or convenient labels. For these we need a new language altogether, as we need new theories from a new kind of science even to begin to comprehend them. Toward this end, the study of paradoxical and utterly anomalous experiences plays a vital role in furnishing the theorists of today the data they need to fashion the science of the 21st century. And that science of consciousness, like the new millennium itself, is surely already on the horizon.

(5) Original em inglês:

The story of Sarah implied that she really could see during her NDE, in the way that a sighted person might. We have shown this is an unwarranted inference. What seemed like an analog to physical sight really was not when examined closely. It is a different type of awareness altogether, which we have called transcendental awareness, that functions independently of the brain but that must necessarily be filtered through it and through the medium of language as well. Thus, by the time these episodes come to our attention, they tend to speak in the language of vision, but the actual experiences themselves seem to be something rather different altogether and are not easily captured in any language of ordinary discourse. Indeed, our work has shown the need to exercise critical discernment before taking these reports at face value. To be sure, they make good stories, in books or in tabloid headlines, as the case may be, but they are not always necessarily what they seem. They are more remarkable still.

(6) Ver post 'O que acontece quando morremos' do Dr. Sam Parnia.

(7) Ver post, "Como a parapsicologia poderia se tornar uma ciência", Parte I de P. Churchland.

Fonte: [http://eradoespirito.blogspot.com.br/2013/04/experimentum-crucis-egms-em-  
pessoas.html](http://eradoespirito.blogspot.com.br/2013/04/experimentum-crucis-egms-em-<br/>pessoas.html)